**ARAUJO PEREIRA**

Estimado professor e glorioso encenador teatral, a quem os
seus discípulos vão, no dia 25, dedicar uma festa,
no Teatro Ginásio

Núm.º

8

(V Série)

ALMA
n o v a

Preço

2

Escudos

<p>ASSINATURAS (Pagamento adiantado)</p> <p>Cont. e liras Cas. + Estr. Estr.</p> <p>ANO (12 N.ºs) ... 22000 23000 30000</p> <p>SEM. (6 N.ºs) ... 10000 — —</p> <p>NÚMERO AVULSO 2400</p>	<p>ALMA NOVA</p> <p>Fundador - Gerente: Mateus Moreno Administrador: Manuel A. Coelho Junior</p> <p>Direcção: Dr. Estêvão Salgueiro, Dr. Luis d'Almeida Lazarides e Mateus Moreno</p> <p>Redacção - Secretariado: Dr. F. d'Alencar, Henrique, Dr. Gomes dos Santos e Rebelo de Bettencourt</p>	<p>REDACÇÃO — ADMINISTRAÇÃO E TIPOGRAFIA</p> <p>Travessa de André Valente, 7-1.º E.</p> <p>LISBOA</p> <p>Propriedade e Edição da Cooperativa Tipográfica e Editora "RESSURGIMENTO"</p>
---	---	--

S u m á r i o

Capa — Araujo Pereira
De tudo um pouco
Através do mês
Dr. Pedro Monteiro — O Professor e o Homem.
Pelos classes trabalhadoras: Medidas que dignificam
Notas filológicas: O Segredo de Amor na poesia
cultu e na popular
Página do Porto: Fantoches de Cabaret
Como eu descobri a Inglaterra: A City Nocturna.
A Arte e o Riso (Continuação)
Províncias, Ilhas, Colónias: Impressões duma viagem
aos Açores (Conclusão)
O Teatro: Araujo Pereira, Eduardo Scariatti, etc.
Actualidades (Notas gráficas do mês)

FOTOGRAFIA DA ROYAL-PHOTO.
MEFISTOFLES.
MATEUS MORENO.
Dr. SIMÕES RATOLA
ASCENSÃO CONTREIRAS.

JOÃO DA SILVA CORREIA.
GUEDES DE AMORIM.
REBELO DE BETTENCOURT.
ARLINDO CAMILO MONTEIRO.

M. GOMES DOS SANTOS.
REDACÇÃO.
FOTOGRAFIAS.

Em *hors-texte*: Conclusão, guardas e capa da Comédia em 1 acto *Lua de Mel*, de Victoriano Braga.

DE TUDO UM POUCO...



RECEITA PARA EVITAR
OS DESGOSTOS
FAMILIARES

EXOTISMOS DA MODA

VEM nos jornais, não é inventado... O Doutor Cathcard, da Sociedade de Ciências Médicas de Londres, acaba de descobrir no açúcar certas virtudes ocultas que deixaram de cara á banda todas as Mesdames Brouillards e quejandas virtuosas...

Diz o sábio clínico, que o homem ou mulher que sofram os pesares mais fortes, se transformam em pouco tempo nas criaturas mais felizes d'este mundo, pela simples administração, a ocultas do pasciente, de um pouquinho de calda de açúcar em todos os alimentos.

Quem te desse um... caldo, doutor Cathcard!

MEFISTOFLES

— A GAROTA —



ESTA nossa simpática colega, que há alguns meses não nos dava o ansiado encanto da sua visita, reaparece enfim nos começos do mês proximo, e garantem-nos que vem ainda mais azougada e travessa, — um amorzinho, mesmo.

A nossa endiabrada amiguinha visitará todas as pessoas que nos mandarem a sua direcção.

ERRATAS DESTE N.º: Pág. 5; 1.º col. l. 4, *exelsa* em vez de *excelsa*; na 2.º col. l. 4, *Mereceu* em vez de *Merecem* e *unânime* em vez de *unânime*.



Doas elegancias patricianas de seu passado
marital!

ALMA NOVA

REVISTA DE RESSURCIMENTO NACIONAL

V SERIE

Lisboa, Maio de 1928

NUM. 8

A T R A V É S D O M Ê S

"O ECO NACIONAL"

Forcando a crise económica que o país atravessa a reduzir-se todas as classes as suas despesas ordinárias, a partir deste número a "Alma Nova" passa a publicar-se apenas semestralmente, em um luxuoso tomo colaborado pelos nossos melhores nomes das letras e das artes, substituindo-se na sua propaganda em prol do Ressurgimento pela «edição popular», que lançará no mês próximo, sob o título *O Eco Nacional*.



COLABORAÇÃO

Por falta de espaço não nos tem sido possível publicar os belos artigos "Cartas de Amor em Português", do Dr. Julio Dantas; "A última entrevista de Guerra Junqueiro", pelo Dr. Luis d'Oliveira Guimarães; "Chaminés de Portugal", de Luis Chaves; "Alma Nova", conto de Eduardo Freitas além de outros valiosos estudos já em nosso poder.

Com a próxima saída do nosso suplemento "O Eco Nacional" daremos-lhes meditada publicação.



DR. ASCENÇÃO MENDONÇA

1.º Assente da Fac. de Sciencias da Univ. de Coimbra, que acompanha o Sr. Dr. L. W. Carrara na sua viagem de exploração biológica através de Anatólia e que no próximo n.º reclamará nestas páginas as suas impressões da recente viagem.

VIDA ACADÉMICA

A Federação Académica de Lisboa está empenhada na urgente fundação da "Residência dos Estudantes" em Lisboa: ideia há muito debatida e que de novo toma vulto, com possibilidades de êxito. Voltaremos ao assunto.



A "CASA DO BRASIL"

Eis outra bela iniciativa a que está dando o seu melhor entusiasmo a elite do pensamento português. A formosa ideia tem o patrocínio do grande matutino "Diário de Notícias", o que é já de si raro, mais que suficiente para confirmarmos no seu triunfo.



PEDRO MOREIRA

Aptidão literária e espírito de artista, que em Ferns, ao desempenhar as suas funções de Consul de Portugal em Orléans, tem revelado extraordinárias qualidades, implicando a acção do desamador mais económico de país.

EM DEFESA DO LIVRO

A Associação de classe dos Livreiros de Portugal inaugurou, com a assistência do Sr. Ministro da Instrução, uma série de conferências em defesa do livro, tendo acedido gentilmente a iniciar a referida série, a conhecida e ilustre escritora Sr.ª D. Ana de Castro Osório.

Sobre este assunto, quanto a nós, cremos que só há defesa possível do livro, quando não deixar de haver, da parte dos Governos, defesa exclusiva do interesse dos papéis.



DR. L. WITTMICH CARRISSO

Prof. da Fac. de Sciencias da Universidade de Coimbra, que realizou uma viagem de estudo a Anatólia e que brevemente virá a Lisboa fazer uma conferência sobre aquela mesma importante colónia.

LUSO-IBERISMO

É de maior interesse para a expansão do livro português—único meio prático de demonstrarmos o que intelectualmente valemos—a próxima exposição de livros portugueses que vai realizar-se em Madrid e a que podem e devem concorrer todos escritores e todos os livreiros com 1 exemplar de cada livro que desde 1900 até hoje tenham publicado.



BIBLIOGRAFIA

Aguarda há meses referência crítica na nossa redacção uma formosa novela do conhecido escritor insuano Manuel da Câmara, com o título *A Morgadinha do Valongo*. É uma peça literária que muito honra o seu autor e onde nos são reveladas qualidades de novelista muito apreciáveis.

A acção do drama, desenvolvida com imaginação fértil e acerto histórico, é sugestivamente emoldurada em curiosos quadros da terra e da vida açorianas, nelas vivendo e sofrendo com expressão bem marcada as suas figuras principais. Prosa simples e vernácula—prosa de quem sabe manejar a pena e molhá-la no sangue rubro das emoções sãs.

No próximo n.º far-se-á referência aos restantes livros recebidos. M. M.

VIDAS QUE PASSAM — EXEMPLOS QUE FICAM

Dr. Pedro Monteiro

O PROFESSOR E O HOMEM

FOI o Dr. Pedro Monteiro um dos mais eruditos e abalizados professores, cujos actos só serviram para testemunhar os seus altos dons de inteligência e altruistas dotes de alma, as suas qualidades de caracter são, enérgico e duma rara actividade e persistência.

Amigo do seu amigo, dedicadíssimo, pai dos seus alunos, assim se pode chamar ao que se não limitava a *ensinar*, mas a amparar todos aquelles que, dóceis aos seus conselhos e proveitosos ensinamentos mostravam toda a sua boa vontade de trabalhar, de aprender, de instruir-se. Era fácil aprender com elle. Sabedor, metódico, paciente e grande disciplinador, proficiente explicador, tão bem orientava e tão reconhecido isto era, que intitular-se discípulo do Dr. Pedro Monteiro equivalia a possuir um diploma de honra; saber-se que alguém frequentava a cadeira regida pelo grande mestre e nela *passava* era o mesmo que garantir-se o saber dêsse alguém. Ninguém ousava duvidar da ifecácia das suas lições, pois o mestre ajudava e amparava os estudiosos e trabalhadores, não lhe cabendo no seu modo de ser, animar os que não mostrassem aptidões para o trabalho. A esses, tratava-os bem, apenas, pois era um Bom.

Foi uma carreira gloriosa, a sua.

Com 20 anos, apenas, concorreu a um lugar de professor de filosofia, no liceu de Santarém. Tão brilhantes provas publicas deu da sua competência, intelligência e saber para o lugar pretendido, que teve de ser nomeado por portaria em que lhe era dispensada a idade legal, sendo mais tarde transferido para o liceu Central de Lisboa onde manteve bizarramente os seus créditos. Foi, depois, reitor do liceu de Santarém e escreveu varias obras didacticas de muito valor, entre ellas um Compendio de Filosofia muito apreciado e usado com grande éxito.

Como homem publico também há muito que dizer do Dr. Pedro Monteiro. No periodo que vai de 1888 a 1890 representou o circulo do Cadaval na Câmara dos Deputadas. Mais tarde e em épocas successivas exerceu os importantes cargos de vereador da Câmara Municipal de Santarém, presidente da mesma Câmara, vogal da Comissão Distrital, procurador da Junta Geral de Santarém e em todos estes cargos se impoz pela austeri-



DR. PEDRO MONTEIRO

dade, lealdade e dedicação que punha no cumprimento dos seus deveres, merecendo sempre da parte das colectividades que representou os mais colorosos elogios e as mais amplas sympathias.

Santarém foi para elle a terra-mãe adoptiva, merecendo-lhe grandes carinhos e prestando-lhe os maiores serviços, a ponto do seu Município o reconhecer como filho, dando-lhe o titulo de «Cidadão de Santarém».

Enérgico, assumiu sempre a responsabilidade das suas palavras e dos seus actos dizendo abertamente o que sentia. A quando da ditadura do Dr. João Franco, e não concordando com ella, saiu do partido progressista em que militava e filiou-se, como protesto, no partido republicano em 1907, donde nunca mais saiu.

A agricultura mereceu-lhe, nas horas vagas do ensino, grandes cuidados, chegando a ser um dos primeiros agricultores do distrito de Santarém. Mas foi um agricultor moderno, empregando todos os processos que o progresso aconselha. Em tudo aprendia e em tudo ensinava; intelligência irrequieta de sábio que se não contenta nunca com o que aprendeu; quer sempre mais. As suas vintãs eram afamadas pela excelência e qualidade dos seus frutos, o que o desvanecia.

E da sua alma, que podemos dizer? Que respondam os pobres das suas terras natal e adoptiva, que o digam os seus amigos a quem elle não deixava de dedicar umas horas todos os dias, que o digam os parentes que hoje deploram a sua perda e choram pe a ternura alegre e communicativa que dele emanava. Tudo atesta a sua grande alma!

O seu testamento começa por palavra repassadas de saúde e mágua dedicadas á memoria de sua esposa. No seu jazigo em Santarém, no cemitério dos Capuchos, onde, como amigos e gratos discípulos o fomos acompanhar, lê-se a seguinte inscripção:

À sua querida mulher, D. Gertrudes Eugénia Nunes Monteiro, falecida em Santarém a 21 de Agosto de 1899. Dedica Pedro Monteiro.

Comvente simplicidade de dizeres que vale um poema e em que ressalta a enternecida afeição em que mesmo além-túmulo envolvia a que fóra sua doce companheira.

No testamento, declara sua esposa *uma mulher*

superior, cuja perda foi uma desgraça irreparável para si.

E' elle próprio que nos deixa estes documentos da exelsa bondade que armazenava nêsse coração que só viveu para amar e dulcificar a vida dos que se lhe aproximam.

Nascera Pedro Monteiro a 2 de Janeiro de 1843, em Peniche, e era filho de Luiz Monteiro e de D. Gertrudes Monteiro. Era formado em letras. Faleceu a 11 de Abril d'êste ano, no hospital de S. José, num quarto particular, onde fôra sujeitar-se a uma operação, que decorreu bem. O seu organismo, porém, debilitado pela idade não o deixou vencer da morte que cruel e inesperadamente o roubou aos que o conheciam e muito estimavam.

No dia 13 teve lugar o seu funeral, sendo o seu corpo transportado para Santarém, para junto dessa esposa ternamente lembrada, no próprio dia em que o Dr. Pedro Monteiro tencionava acompanhar a estátua do Marquez Sá da Bandeira, cuja realização se devia, numa grande parte, aos seus esforços e á sua iniciativa.

Altos designios de Deus! Nêsse mesmo dia seguia o seu cadáver para a cidade scalabitana, recebendo-o esta, representada pela sua Câmara municipal, não em festa mas em luto e de lágrimas nos olhos, e o pedestal para a estátua que elle queria acompanhar e para cuja inauguração já escrevera o discurso que tencionava proferir, lá o viu passar a caminho da sua derradeira jazida acompanhado de milhares de pessoas que accorreram a prestar-lhe a sua homenagem de eterna saudade e profunda gratidão.

Pedro Monteiro deixou uma avultada fortuna, fazendo-a repartir na sua quasi totalidade por misericórdias e asilos, sem esquecer, contudo, os seus parentes e amigos mais intimos a quem contemplou com lembranças; e, ainda mesmo com o pensamento na morte, não esqueceu o ensino, pois legou uma quantia á Câmara de Santarém destinada a constituir um prémio para o aluno que mais se distinguisse na Instrução Primária! Sempre a instrução a absorver-lhe uma boa parte do seu pensamento e ainda depois de morto quiz incitar os principiantes, os pequeninos, ao trabalho, ao estudo, ao progresso!

Bom e querido Amigo e muito presado Mestre, paz á tua lídima e ingénua alma, viverás sempre no nosso coração e se a Morte aniquilou o teu corpo e te não deixa espalhar mais frutos benéficos da tua lúcida intelligência, fica a tua Obra que foi colossal, os teus benefícios que são inolvidáveis, a amizade que tão bem soubeste semear e o teu proficuo, nobre e altruístico exemplo.

Oxalá a mocidade de hoje tome o Dr. Pedro Monteiro como modelo para orientação da sua vida.

O mesmo será ver a Pátria ressurgir nobre, simpática, altiva e intelligentemente.

Lisboa, 18 de Abril de 1928.

Dr. Simões Ratola

Medidas que dignificam

Mereceu o aplauso unânime de todas as classes, as medidas recentemente decretadas pelo Governo Português sobre Seguro na Invalidez e na Velhice, as quais irão abranger de início cerca de dois milhões de indivíduos.

UM governo, qualquer que elle seja, prestigia-se sempre pelo acêrto e pela oportunidade na applicação das suas medidas. As recentemente decretadas, sobre seguro na invalidez e na velhice, foram recebidas no meio operário com agradável surpresa.

Num meio de egoismos tórvos, em que os magnos problemas de previdência e assistência, tem sido sistematicamente relegados para um plano secundário, enche-nos de fé e entusiasmo verificar que o embotamento de sentimentos generosos não é geral e ainda há alguém, nas esferas governativas, que se preocupe com os simples e os humildes.

Irradiando Carinho e Amor, o recente diploma sobre seguro na velhice e na invalidez, vem acautelar o futuro daqueles que, sobraçando uma vida inteira de esforçoso trabalho, caíam as mais das vezes no abandono. Ali, em moldes accessíveis, sem encargos para o Estado e adentro dos recursos da Economia Nacional, tudo está previsto e expresso, revelando-se um trabalho de grande acuidade mental, que, infelizmente, ainda encontra detractôres nos que não compreendem ou não querem perceber que são estas manifestações de solidariedade humana a melhor terapêutica a instituir para opôr barreira á onda de miséria e de crime, pois já no dizer de Liszt o crime é uma expressão da organização social.

Estas providências governativas vão de início abranger cerca de dois milhões de indivíduos, que exercem a sua actividade em todos os ramos do trabalho e da producção,

Que chuva de bênçãos não coroará tão sublime Obra da comissão técnica, que intelligentemente a elaborou, e dos governos que a levam á prática!

São leis desta natureza, que nobilitam um Governo, um Regimen e uma E'poca.

Ascensão Contreras

○ Segredo de Amor

na poesia culta
e na popular

Aludem frequentemente os poetas medievais ao segredo de amor — segredo de que eram escravos, não nomeando a pessoa amada nas suas composições, pois que, como nota o trovador proveçal Peire Vidal, não ha que fiar em amigos quando se ama a valer:

Tan vos am de cor e de fe,
Que nulh amic de vos non cre;

e as revelações ou inconfidências são, no delicadíssimo campo das intimidades sentimentais, fonte daquela cópia de desgraças que ante os nossos olhos deslumbradoramente desenrola outro menestrel medievo, o redactor dessa obra tão curiosa e típica *La châtelaine de Vergy*, cujo significativo final é:

Et par cest exemple doit l'en
S'amor celer par si grant sen
c'on ait toz jors en remembrance
que li descouvris rien a'avance
et li celers en toz points vaut.
Que si le fet, ne crient assaut
des faus felons enqueors
qui enquierent autrui amors.

Ora tal segredo em coisas de amor tem-no o povo também nas suas produções, como se depreende da seguinte quadra, em que ha a ideia das pessoas amadas baixarem os olhos p'ra se verem, a fim de não darem nas vistas:

Quando passares por mim
Baixa os olhos, p'ra me ver;
Podemos andar de amores
Sem ninguém o perceber.

E também o povo voa tão alto como os melhores poetas — que chegam à sublimidade, trágica e por isso mesmo artística, de occultarem a má-gua de amor, inda da própria pessoa amada. Numa comédia de Alfredo de Musset — *Le chandelier*, Fortunio canta uma canção de amor, em que a ideia de guardar sigilo eterno sobre o

nome da mulher que bem quere particularmente transparece:

Mais j'aime trop pour que je die
Qui j'ose aimer,
Et je veux mourir pour ma mie,
Sans la nommer.

Por sua vez Felix Arvers diz num soneto das *Heures perdues*, que é a sua melhor composição poética e uma das melhores de toda a literatura francesa:

Mon âme a son secret, ma vie a son mystère:
Un amour éternel en un moment conçu.
Le mal est sans espoir, aussi j'ai dû le taire,
Et celle qui l'a fait n'en a jamais rien su.

Hélas! j'aurai passé près d'elle inaperçu,
Toujours à ses côtes, et pourtant solitaire,
Et j'aurai jusqu'au bout fait mon temps sur la terre,
N'osant rien demander et n'ayant rien reçu!

Pour elle, quoique Dieu l'ait faite douce et tendre,
Elle suit son chemin, distraite, et sans entendre
Ce murmure d'amour élevé sur ses pas.

À l'austère devoir pieusement fidèle,
Elle dira, lisant ces vers tous remplis d'elle:
«Quelle est donc cette femme?» et ne comprendra pas.

Ora o povo canta igualmente — e não só occultando da pessoa amada a labareda de amor em que se consome, mas dando-se, ao contrário do último poeta francês, como causa do próprio mal de que sofre, o que mais sublima ainda a sofre-dora ideia expressa:

Penas do meu coração
Ninguém nas ha-de saber;
Eu as fiz, eu as causei,
Eu as hei-de padecer.

João da Silva Correia

Fantoches de "Cabaret"

Uma sala de «cabaret», às cinco horas da manhã. É a hora insignificante, sem visido e sem estranhos. As mesas, despidas, sem toalhas, lembram mulheres nuas, numa atitude acrobática. Em cima das cadeiras agrupadas, parecem esqueletos com sono...

Ela e Ele, as duas sombras vivas na penumbra do «cabaret» ceiam bananas com absinto. São negros. São: a bailarina negra e o preto do saxofone, — as duas lampadas que espargiram mais alegria, mais luz, mais côr, na folia da noite.

Ele. — Acho-te hoje muito amavel... Cheguei a perder a esperança de te falar. De vêr a grande e inconfundivel bailarina negra sentada à minha mesa...

Ela. — Tambem eu nunca o pensei... A côr dos europeus atraia-me tanto!... Mas sinto hoje a minha alma tão triste, tão africana...

Ele. — Comtudo, as tuas pernas bailaram esta noite com delirio, loucamente!...

Ela. — Aturdi-me e aturdi-as com a musica. Olha, como agora me estou a aturdir com absinto.

Ele. — Podias sêr mais gentil. Julguei que eu te pudesse interessar mais...

Ela. — Começas, efectivamente, a interessarme. Afastei-me tanto de ti, dos homens da minha côr, que, agora, sinto bem a necessidade de regressar a êles para me defender...

Ele. — Fojes dos homens brancos?

Ela. — Fujo-lhes, para me vingar... Nunca me compreenderam. Nunca me beijaram com sinceridade.

Ele. — Opiniões do absinto que tens bebido...

Ela. — A verdade. Todos me insultaram, lembrando-me a noite escura do meu corpo.

Ele. — Exageras. Bem sabes que nós, os pretos, estamos na moda. As nossas artes são preferidas ás dos brancos. E, pagam-nos muito melhor.

Ela. — Estivemos em moda, é certo. Mas, como todas as modas, tivemos o crepúsculo, a agonia...

Ele. — Os milhares de pretos que estão espalhados pelos «cabarets» de todo o mundo podem desmentir-te...

Ela. — Que me importam os «cabarets»!... A minha desilusão nasceu de tristes conclusões. Todos os brancos que eu amei, que adorei, fugiram-me com uma displicencia de quem deixa um luto forçado.

Ele. — Devias contar com as excepções. A Josephine Baker conseguiu atrair um branco. Um branco definitivo.

Ela. — Não lhe ha-de durar muito tempo, êsse branco. Eles fatigam-se apressadamente da nossa companhia. O último branco que me amou... por espaço de dez minutos, ao deixar-me, chamou-me o cofre negro da sua ironia e do seu desprezo.

Ele. — Tu, comprehendes as palavras como se elas fossem allinetes, e as pobresinhas nem sequer fazem sangue... Os homens brancos são, na generalidade, uns irresponsaveis nas suas atitudes amorosas. Estão fardados de preconceitos...

Ela. — É o nosso amor vale mais, pela sinceridade, que os dos brancos. É tão sincero como a Africa selvagem, que desdenha do carmin. As pretas não se pintam para mascarar o coração...

Ele. — Não desanimes. As mulheres negras serão as mulheres do futuro.

Ela. — No dia em que se der o choque das raças?

Ele. — Um pouco mais cedo... No dia em que o homem branco reconhecer que a mulher da tua côr tem sobre a mulher branca a vantagem de não arruinar fortunas em «rouge» e «baton».

Ela. — Talvez que isso seja uma verdade quando os homens brancos tiverem em grande apreço a honra do seu nome...

Ele. — Há pelo menos um, que eu conheço, e que indica o caminho aos outros.

Ela. — Um excentrico, um viciado?

Ele. — Não. Um homem de trabalho. Um homem previdente... Sou eu...

Ela. — Tu? Tu, inconfundivelmente, preto, como eu!?

Ele. — Preto, agora. Precisei ganhar a vida, e falsifiquei a minha côr, para me fazer pagar melhor. Sou um branco pintado de preto. Amanhã, só de dia, tiro a máscara. Volto a sêr branco.

Ela. — Para ligares a tua vida á de uma mulher branca?

Ele. — Para te agradar. Para te mostrar que há um branco ajuizado que prefere uma mulher negra a uma mulher branca.

Ela. — Ah!, então não mudes de côr. Não deixes de sêr preto, — embora sejas branco. Tenho tão pouca confiança nos homens brancos, nos homens da tua raça, que temo que os meus olhos, quando te virem todo branco, não possam acreditar que o teu amor seja uma verdade...

Como eu descobri a Inglaterra

A CITY NOCTURNA

DIZEM que Londres é triste. Talvez, mas só para aqueles que a viram numa tarde cinzenta e de chuva, ou a percorreram com alma tristonha e nostálgica. De Londres eu trouxe e guardo ainda comigo uma impressão de deslumbramento e creio que ela jamais se apagará da minha saudade e do meu coração. Impressão grata — em que a saudade é gostosa. Se a paisagem, como disse Amiel, é um estado de alma, nós sempre que viajarmos, devemos levar a alma como uma chapa fotográfica que ainda não foi impressionada — para que uma paisagem nova ou uma cidade estrangeira, as vejamos apenas, e mais acertadamente, no melhor do seu aspecto, se, por qualquer motivo, não pudermos, o que seria preferível, adivinhar, possuir e des-nadar a sua alma interior, o segredo da sua vida e da sua beleza.

Pode ser que Londres seja uma cidade triste, mas os meus olhos não a viram assim, porque a Londres que eu guardo ainda na minha memória é uma Londres buliçosa, elegante, que sabe viver, e que criou uma alegria, ruidosa por vezes, mas sempre sincera.

A traços largos, descrevi a Londres elegante e curiosa, á tarde, no movimento apressado e febril, mas metódico das suas ruas, e na beleza perturbante e sandável das suas mulheres. Tentarei descrever também a City nocturna.

Uma cidade interessante é aquela que varia de hora para hora, que nunca é a mesma, que nunca se repete. Londres consegue esse milagre de multiplicação de aspectos. Londres ás 6 horas da manhã é digna de ser vista, principalmente no Covent Garden. É a hora dos mercados, a hora do fornecimento da alimentação do monstruoso ventre de Londres, e também a hora em que se vende mais flores, como se estas fossem também um alimento imprescindível da vista e do olfato. É ás nove horas — a City toma outro aspecto. O movimento nas ruas vai aumentando — e quem quizer vêr as raparigas mais lindas de Londres é entrar nos *buses* e nos electricos, que aí as encontrará, frescas e elegantes. São as empregadas de commercio que se dirigem aos seus escritorios, onde vão dar alegria, mocidade e beleza ao trabalho, que por elas e com elas deixa de ser um sacrificio pesado para se tornar um prazer absorvente... Depois, á tarde, pelas cinco horas, Londres toma chá. É a hora da elegancia e da distincção, porque tomar chá é uma função espiritual e superior, um pretexto para se conversar com alegria e espirito na presença adoravel duma mulher bonita.

Correm as horas, num ritmo doce e lento, e a noite chega, deslumbrante, maravilhosa, apoteótica, a noite de encantamento e misterio, que desperta em nós um outro sentido da vida, uma outra alma, uma outra sensibilidade.

Londres, á noite, no esplendor do seu movimento, das suas elegancias e da sua iluminação, chega a atordoar-nos. Os ingleses, aprumados e graves durante o dia, são mais elegantes, mais risonhos, mais comunicativos durante a noite. O inglês afinal é uma creatura inteligentemente serio, que toma tudo a serio, o trabalho e o prazer. E como pode sêr triste um povo que inventou os *clowns*?

É á noite que nós vamos encontrar nas ruas da City — a alma alegre de Londres, essa alma alegre e comunicativa que parece palpitar em todas as coisas.

A iluminação da City!

As cores todas do arco-iris, em lindas e fantásticas combinações — irradiam e faiscam das vitrines dos estabelecimentos, dos cartazes luminosos, que são verdadeiras obras primas de engenharia electrica, dos placards originaes dos grandes quotidianos.

É quasi um scenario irreal aquele que eu vi e que ainda agora estou vendo deante dos meus olhos. Não me engano — tenho agora diante de mim essa minha primeira noite de Londres. O ceu é ainda o mesmo. Um ceu alto e muito azul, onde não me lembro de ter visto estrelas. Onde estariam elas? Ou o azul do ceu tê-las-ia afogado na intensidade da sua cor — ou a iluminação multicolor e fantástica da City as teria ofuscado. Talvez nem eu tivesse reparado nelas. Não sei. Mas é um ceu alto e profundo, espesso, bem tintado a azul ferrete, que no kodak impressivo da minha saudade, estou vendo ainda. E nesta hora em que revivo outra hora, a mim mesmo pergunto porque é que eu, e porque é que todos nós nunca deixamos de olhar o ceu, sempre que na terra uma impressão melhor nos perturba a alma?

Dizem que a noite tem uma alma e essa alma senti-a, palpei-a no seu misterio e na sua sedução!

Os scenarios dos music-halls tem menos fantasia e menos luz que a City á noite, essa City esplendorosa, iluminada como para uma festa extranha de deusas mitologicas, essa City de cartazes berrantes, toda ela cheia de campainhas e buzinas, de que resulta o mais original jazz-band que eu tenho ouvido. Oh! a City á noite, toda incendiada a luz electrica, arco-iris fantastico — que nenhum scenógrafo será capaz de reproduzir!

O incendio de Roma, se hoje se repetisse, provocaria o bocejo dos espectadores, e Nero seria pateado por não conhecer a moderna engenharia electrica.

A *City* assim á noite é um grande *music-hall* em que todos os espectadores são obrigados a ser figurantes.

A Londres comercial, a Londres vertiginosa que nós vemos atarefada e seria durante o dia — desaparece nestas horas da noite — e os restaurantes, floridos, iluminados a *giorno*, povoam-se ruidosamente de gente de todas as idades, mas que, por milagre ou por feitiçaria das orquestras e das luzes — sentem todos bater — elas e eles, não importa mesmo os cabelos brancos — um coração de vinte anos, despreocupado e feliz!

E o *Strand*, o *Piccadilly* e a *Regent Street* povoam-se das mulheres mais lindas de Londres e é facil descobrir em muitas delas a beleza correcta e dominadora do tipo judaico.

São extraordinarias e perturbadoras estas mulheres, como se trouxessem consigo, no brilho inquieto dos seus olhos e no ritmo musical do seus passos, a alma, a graça e a sedução das deusas do Olimpo, quando *Venus* imperava e *Jupiter* obedecia.

Oh! alma nocturna da *City*, faiscante e ruidosa, riscada a vermelho, a azul, a amarelo e a verde, e cortada estridulamente com as buzinas e as campainhas dos carros e dos taxis — vives ainda, encantadamente, dentro da minha alma!

(Do livro a sair "O Mundo das Imagens")

REBELO DE BETTENCOURT



■ Não deixe de ler: ■

O Diabo, Mestre de Dança

— DE —

Luis d'Oliveira Guimarães

Livro que tem o sabor dos pecados de Eva

Preço ≈ 7550

Campanhas Camilianas

— POR —

Cruz Magalhães

— E —

Oldemiro César

Preço ≈ 4500

Pedidos à COOPERATIVA EDITORA «RESSURGIMENTO» T. André Valente, 7-1.º E.

LISBOA

FORNECEMOS TODOS OS LIVROS COM 10 % DE DESCONTO

Eduardo Guerra

AFINAÇÃO E COMPRA DE PIANOS
LIÇÕES DE SOLFEJO

E

V i o l i n o

RUA ERNESTO DA SILVA, B - 1.º D.º
≈ ≈ ≈ BAIRO NOVO — ALGÉS ≈ ≈ ≈

ROYAL-PHOTO

Atelier de Arte Fotográfica

SANTOS & RAPOSO, L.ª

Grand Prix

Exposição

Int. do Rio

de 1923

Rua do Carmo, 55 — 1.º (AO CHIADO)

L I S B O A

A ARTE E O RISO

(CONTINUAÇÃO)

João Baptiste Verduc, na sua *Pathologie de Chirurgie*, que entre nós obteve alguma voga no ensino médico do século XVIII, occupa-se do riso sardónico, cujo nome evoca o *Ranunculus sceleratus* e do riso canino, assim chamado porque a boca se contorce, no dizer do autor, de modo que os lábios avançam um tanto como os dos cães de caça. Menciona tremores dos lábios, provenientes de escorbuto e irritações da faringe, observados também em febres ardentes malignas, e, para etiologia dos dois risos, apresenta as contusões e ferimentos do diafragma, as feridas dos nervos e músculos dos maxilares e da boca, entre considerações sobre os «humores» e os «espíritos animais dos músculos da face».

Quanto ao valor do riso, em suas relações com a prognose, resulta do exposto depender logicamente da natureza das doenças a que aparece associado na condição de symptoma. O Mestre de Cós, em seus *Aforismos* liv. VI n.º 53, considera os delírios acompanhados do riso do mais favorável augúrio que os manifestos na exteriorização de preocupada tristeza, parecer rejeitado por Galeno, para quem não havia delírios de bom e seguro prognóstico.

Companheiro assíduo do prazer e alegria, não desampara, no entanto, a dor e chega até a abrir caminho à própria morte. Por noite fria de inverno fui chamado a assistir a uma cardio-renal, a quem um acesso convulso de riso após a ceia, determinára edema agudo do pulmão que de pronto a fulminou.

As comoções da alegria, quando excessiva, não deixam de ser fatais, conforme o demonstram os exemplos citados nas notas de Frank à obra de Roberto Jonnes, apenas aos *Elementos de Medicina* do Dr. João Brown pelo médico Don Joaquin Serrano Manzano, em sua versão espanhola, precedida de comentários críticos à doutrina de Descartes e da tradução da lógica de Mr. Marsais, inserta na *Enciclopédia*. Ali se recordam os casos do espartano Quilon que morrera de alegria ao abraçar o filho vencedor nos jogos olímpicos e os de duas matronas romanas que caíram mortalmente sideradas pela súbita comoção de contemplarem os filhos que regressavam salvos das batalhas de Trásimena e de Canas.

Mas se o riso, como alegria intensa, algumas vezes impelle o género humano à morte, muitas mais o transporta à vida, libertando de penosos cuidados e atormentadores achaques, e tão sugestivas observações a este propósito, guiaram alguns clínicos a instituir até a terapêutica pelo riso.

Hipócrates, que doutamente versou os efeitos das paixões sobre as doenças e preconizara as vantagens da sua aplicação terapêutica, praticada com reflectida prudência (*De Humor.*), ao passo que salientava o valor da cólera e outras vezes do temor, avançando que este havia curado enfermidades «superiores a todas as tentativas da arte» (*Epidem. lib. 6*) reconhecia a alegria bemfazeja na mór parte dos sofrimentos humanos. E Galeno assevera que numerosos enfermos maior soma de benefícios deveram à salutar disposição de jovialidade que ao emprêgo e eficácia de medicamentos.

Continuando a tradição da medicina grega, Ambrósio Pareu, Sanctório, Mackensie, e vários autores, referiram curas operadas sob a influência da alegria, discriminadamente, em febres intermitentes, icterícia, escorbuto, escrófulas e parillias.

Pechlin descreve que achando-se um joven, em consequência de ferida profunda do torax, em estado cuja gravidade fizera desesperar dos recursos da medicina, ao surpreender à frouxa luz do quarto o semblante do joven amigo que se deixará cair de sono aos pés do leito, caracterizado com negro de fumo, por arte e capricho dos companheiros mais crescidos e vigilantes, foi acometido de tão forte ataque de riso que lhe extravasou pela ferida aberta cerca de um litro de sangue e a breve praso lhe proporcionou o regresso à saúde perdida.

Até a obstetricia lhe celebra as vantagens, tornado o riso favorito parceiro da deusa grega Ilítia — a parteira, adorada pelos romanos como nome de Lucina, — citando-se casos em que, mediante o seu império, as dores maternas se reinstalaram para gáudio e desafogo de mães.

Referem-se exemplos de vômitas salvadoras consecutivas a pleurisias purulentas por virtude do riso, e, entre outros, assinala-se o de Erasmo a quem a leitura das Cartas dos Homens-obscuros, libertara, num irreprimível acesso de riso, da grave doença que penosamente o atormentava.

Diz-se que duma terçã rebelde Coríngio ficou sarado, mercê do alegre prazer da conversação de Melbómio. Tissot, segundo declara, colheva várias observações demonstrativas dos benéficos resultados do riso provocado pelas cócegas em criaturas tristes, pálidas e raquíticas.

O Dr. Descuret ufana-se dos triunfos obtidos por intermédio deste prazenteiro recurso

terapêutico, que lamentava ver esquecido, e, sobremaneira encarece-lhe os resultados nas engor-gatões linfáticas, rebeldes a infinitos remédios internos e externos.

Convencido da eficácia do tratamento, na sua clínica adoptava a seguinte técnica: estira-dos os doentes no leito, e desguarnecidos por completo do vestuário, fora das horas de activi-dade digestiva, iniciava um jogo simulado de lhes fazer cócegas, enquanto isso bastava para lhes determinar eficazes expansões de alacridade.

Procedia ao divertido exercício de manhã e à tarde, por espaço de alguns minutos, e de-clarava constatar, ao fim de quinze a vinte dias, melhora considerável do estado geral, aspe-cto da pele e colorido particular do semblante, acentuando que se tornava a fisionomia mais ale-gre e animada. Esta prática curiosa beneficiava, em resumo, das vantagens de uma gymnástica respiratória, aqui realizada pelos caprichos discricionários do riso.

O autor recomendava, entretanto, grande prudência no emprêgo d'este método de trata-to, frisava a sua contra-indicação nas enfermidades agudas, hérnias, fracturas e feridas, em geral, e declarava judiciosamente que só devia ser prescrito na certeza de não originar nenhu-ma reacção desfavorável. E, finalmente, Rabelais, que soube como raros provocar o riso, in-vestido na autoridade que lhe abonava a sua condição de médico, professor de anatomia, e, mais tarde, Cura de Meudon, defendia-o, attribuindo-lhe propriedades de higiénico e desintoxicante—tout à l'aise du corps et au profit des reins.



As multímodas cambiantes do riso acham-se expressas, por entre documentos arqueológi-cos e etnográficos, no dadivoso repositório das manifestações artísticas dos povos.

Atributo humano, fixado mediante diversificados processos na história das civilizações, pervaga expansivo em meio das florescências das artes plásticas e decorativas, aflora de entre as produções literárias, paira, numa fugaz animação scenica, no tablado dos teatros, onde se espiritualiza, ás vezes em expressão musical, de recatada modalidade gráfica, transfigura-se sob vigoroso alento, nas formas de amplitude vária no colorido e relêvo da pintura e da escul-tura e, por fim, como tomado de cansaço das vertigens mundanas, acolhe-se, na condição de elemento simbólico e decorativo de contingente valor, envolto no côro de místicas idealidades, à sombra discreta dos templos ou catedrais.

Através de sua Inconstante e volúvel fortuna, viu-se exalçado á apoteose de um culto, tendo a antiguidade investido, a par dos jogos, entre as divindades que presidiam á alegria.

Com as homenagens imprescritíveis de um ritual, encontra a sua figuração vivamente ex-pressiva, consagrada entre os povos orientais, em particular na arte chinesa e japonesa, em cujas máscaras o riso se movimenta em prodígios de mimica, a traduzir desde a nota subtil de ironia ou scepticismo ao desabrido alvoroço satânico.

Riram os latinos a bom rir, no teatro, pela ode, pela sátira e pelo epigrama, sob a su-gestão da vis comica dos seus artistas, desde Plauto a Catulo, e de Juvenal a Petrónio e Mar-cial, e, como lhes não bastasse o ridere e os seus derivados deridere e irridere, adoptaram o ca-chinnari, donde o nosso cachinar ou casquinar de gargalhadas.

Ao filósofo e romancista Apuleu, o autor do Barro de Ouro, se deve a frase, rigorosa na acepção, com que se engalanaram publicistas bem posteriores ao século II: Homo est animal ca-chinnabilis.

Horácio havia perfilhado o riso como processo licito de revelar a verdade: Ridentem di-cere verum, quid vetat? Porém, um século antes da nossa era, Públio Siro, perspicaz devassa-dor da consciência humana, surpreêndera-o até mesmo dissimulado debaixo do orvalho das lá-grimas, na sua frase lapidar Heredis fletus sub persona risus est.

Gosta a valer de rir a gente da velha Gália, e sem aludir ao riso espiritual do escol de seus filósofos e artistas, entre os quais merece recordar-se Baudelaire com o seu estudo De l'es-sence du rire et du comique dans les arts plastiques, inserto no Tom. II des Oeuvres Completes — a sua linguagem trai as gamas do riso popular nas expressões: rire aux éclats, rire du bout des dents, rire des lèvres, mourir ou crêver de rire, e rire á gorge déployée.

Embora com o riso mais gatural, o lachen, o spotten, e derivados, não deixam tambem de rir o bastante os germanos, embora talvez mais ingênuos e menos satânicos, na hilaridade. E sobejamente documentam a tendência ao risível em locuções populares equivalentes, na litera-tura, nas belas artes e na fecundidade dos seus caricaturistas, sendo elucidativa quanto ao culto do cómico a Die Komische Bibliothek, onde entre os Sieben Bücher des Lachens voll jovialen Frohsinns und grotesker Laune, figura como estudo sobre o riso do gótico Die Masken von Rheims e em que o riso germânico aparece combinado ao francês, desde o de Rabelais e Caillot ao comentado por Baudelaire e ao ilustrado por Gustavo Doré.

Quanto aos meridionais, o riso, no italiano mais sensual e lírico e no espanhol mais so-noroso e altaneiro, immortalizados nos géntios de Boécio e de Cervantes, encontra larga contri-buição entre a gente lusitana.

ARLINDO CAMILO MONTEIRO

Provincias -- Ilhas -- Colónias

IMPRESSÕES DUMA VIAGEM AOS AÇORES

Ilha de S. Miguel — 18, 19 e 20 de Setembro.

O amanhecer do dia 18 foi auspicioso, fazendo desabrochar no nosso espirito as mimosas flores que dentro em pouco iriamos colher no viçoso jardim da Ilha de S. Miguel. Desde os primeiros alvares da madrugada, estamos observando os contornos desta Ilha tão pitoresca. E' Domingo. Tudo nos infunde poesia, devaneio, espiritualidade: o firmamento, dum azul purissimo; o ceu, muito limpido sobre o oceano, apresentando, no entanto, pequenos flocos de nuvens brancas sobre a cidade e o magnifico porto de Ponta Delgada.

A' entrada no porto recebemos uma agradabilissima impressão, pela sua amplitude e boas condições de abrigo e pela disposição panorâmica da cidade de Ponta Delgada, que se nos afigura, como depois tivemos ensejo de verificar, uma esplendida cidade, com bastante movimento, conforto e asseio. Já não apresenta características tão definidas como as outras terras que visitamos. Nem tamanha uniformidade de estilos, como em Angra, onde tudo nos fala do passado, nem a sua extrema diversidade, como na Horta, devido á manifesta influencia das colonias estrangeiras. Estas três cidades são bastante diferentes, não só no seu aspecto exterior como no modo de ser dos seus habitantes.

Em Ponta Delgada nota-se mais a febre do negocio, e, por toda a Ilha, o povo é extremamente laborioso, conquistando, palmo a palmo, o terreno para as culturas ricas do ananaz, tabaco, chá, beterraba, etc.

Não me sendo possível descrever aqui todas as impressões, e apontamentos colhidos em Ponta Delgada e nos magnificos passeios ás Furnas e á Lagoa das Sete Cidades, eu quero, ao menos, registar as principais atenções com que os distintos Micaelenses me quizeram brindar.

Mal desembarquei tive a fortuna de me dirigir ao Sr. Victor Cruz, cuja dedicação e solicitude não tiveram limites. Não sei qual era maior, se o meu anseio de ver, pesquisar e ficar a conhecer tudo (no limitadissimo tempo de que dispunha), se o seu desejo de me pôr ao facto de todos os progressos, de todas as belezas e prodigiosos encantos desta Ilha abençoada, que é todo o seu enlevo e justificado orgulho.

Um encontro inesperado com o Dr. Jacinto Baltho Viveiros, meu amigo e contemporaneo na Faculdade de Direito de Lisboa, proporcionou-me o feliz ensejo de ser apresentado ao Ilustre Director do «Correio dos Açores», Sr. Dr. José Bruno Carreiro, intelligencia privilegiada que tão de-

nodadamente se tem dedicado, não apenas ao engrandecimento da predigiosa Ilha de S. Miguel, mas tambem a uma vasta obra de regionalismo e propaganda açoreana. O Sr. João de Simas, Redactor principal do «Correio dos Açores», foi tambem para comigo duma gentileza cativante, oferecendo-me dois exemplares das «Saudades da Terra», de Gaspar Frutuoso, sobre a historia da Ilha de São Miguel. E bem assim me ofereceu vários exemplares do «Correio dos Açores», em que se presta homenagem aos açoreanos mais ilustres, como Antero de Quental, o coronel Francisco Afonso Chaves, etc.

Pelas amabilissimas palavras, aliás imerecidas, com que me distinguiram, no «Correio dos Açores», e por todas as deferencias que recebi desejo expressar o meu profundo reconhecimento.

Nas «Furnas» tive, tambem, uma surpresa agradabilissima, o encontro do colega e amigo, Dr. Guilherme de Moraes, que eu conhecia dos trabalhos da Federação Academica de Lisboa. Afinal, havia de encontrar em cada terra, pelo menos, um colega e amigo que me recebesse de braços abertos e me fizesse as horas da terra. E neste local das «Furnas», onde a nossa imaginação se deixa embriagar da beleza mais surpreendente, só uma alma gemea da nossa pode servir-nos, cabalmente, de cicerone.

E para o fim reservei, de propósito, o nome do Dr. José Oliveira San-Bento, velho amigo, companheiro de estudo e apostolo do Ressurgimento Nacional. Mal soube da minha visita, correu a dar-me um grande abraço e nunca mais deixou de me proporcionar todas as oportunidades para eu adquirir de relance, nos poucos momentos que me restavam, uma ideia quanto possível exacta desta radiosa Terra e da sua hospitaleira Gente. A nossa amizade tinha nascido na convivencia do estudo e afervorara-se na propaganda patriótica, levada a efeito pelo *Nucleo do Ressurgimento Nacional*, onde se foram alistar, voluntariamente, estudantes dos mais distintos pela intelligencia e pelo caracter. Gratissimo havia de ser, pois, este nos o encontro. E, para mim, constituiu um motivo da mais emocionante recordação a oferta da sua excelente peça dramatica «O Velho do Restelo», que foi concebida nesses felizes tempos da nossa mocidade. Se é certo que a felicidade, na expressão dum grande pensador, é o sonho da juventude, realisando mais tarde na idade adulta, Oliveira San-Bento não pode deixar de ser feliz. Eu assisti aos saudosos momentos da concepção desta obra literaria, cheia de beleza e de patriotismo. Estava-se procedendo á mais extraordinaria comemoração nacional de que ha

memoria a homenagem ao Soldado Desconhecido. O «Nucleo de Ressurgimento Nacional», quis tomar parte nessa deslumbrante apoteose ao heroísmo lusiada. E, dentre os numeros do seu programa, destacou-se um soneto vibrantissimo, na forma e no conceito, que foi publicado em *plaque* do «Nucleo do Ressurgimento Nacional», para ser vendido a favor das viúvas necessitadas dos mortos na guerra. Esse soneto, que toda a imprensa elogiou como uma das mais felizes composições poéticas e alusivas ao acto, deve-se á genial inspiração do Dr. Oliveira Sانبento.

Na redacção do «Diario dos Açores» fui carinhosamente recebido pelo seu Ilustre Director, Snr. Manuel Rezende Carreiro, pae do meu collega e presado amigo, Snr. Dr. Manuel da Silva Carreiro, que já conhecia das excursões do «Orpheon Academico de Lisboa», o seu veemente espirito de açoreano acaba de publicar uma obra literaria muito auspiciosa, intitulada «Meio dia». Silva Carreiro tem continuado em Lisboa a serie de atenções com que os Açoreanos me quizeram mimosear.

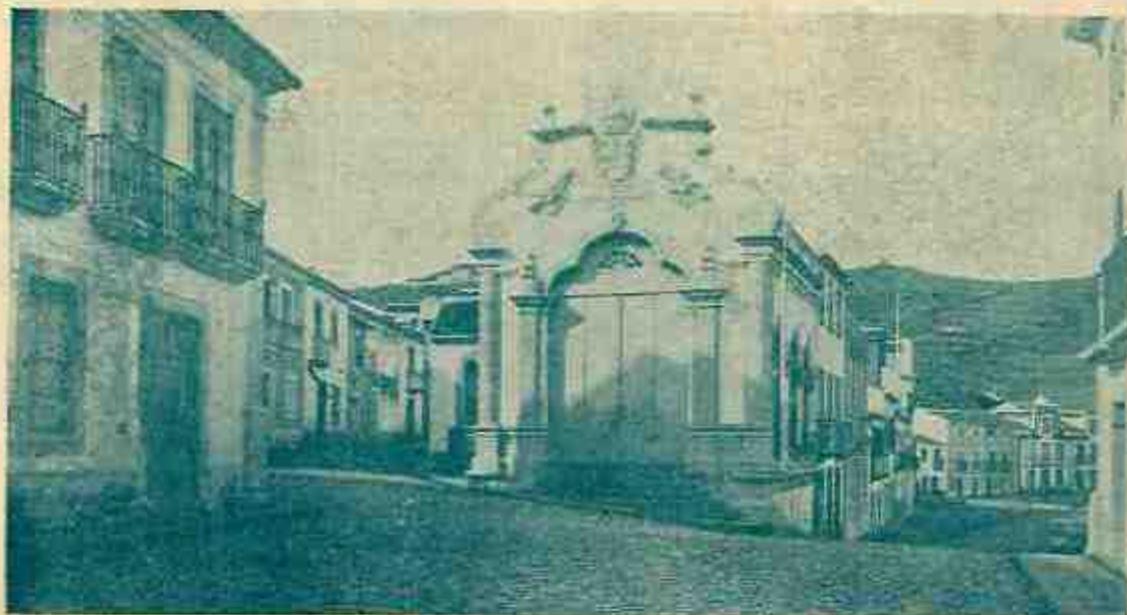
Nesta maravilhosa peregrinação através dos Açores, eu encontrei, por toda a parte, fervorosos apóstolos da Causa da Patria, possuidores dum nobre sentimento, iluminados por uma grande fé.

O sentimento do amor á sua Terra, a fé no ressurgimento de Portugal. Expressão eloquentissima de *portuguesismo*, que eu não esperava encontrar em tão alto grau, desde os espiritos mais letrados de Ponta Delgada, Angra e Horta, até aos habitantes das Flores e do Córvo, almas simples e boas que no amanho das suas terras vivem felizes, temendo a Deus e honrando a Pátria. Conservam intactos esses incomparáveis predados que faram apanágio dos nossos Maiores e que ainda se revelam na alma do povo: a fé e a dedicação patriótica, a firmeza de caracter, a generosidade, a abnegação, o heroísmo e o sacrificio.

Por maiores que sejam as adversidades no encapelado mar da nossa existência nacional, por entre os escombros da nossa glória passada, e acima dos egoismos duma grande parte dos portugueses, a cobardia de muitos e a traição de alguns, a nau da Pátria ha-de singrar triunfantemente, enquanto houver portugueses tão dignos, tão laboriosos e austeros como sabem ser os habitantes destas Ilhas privilegiadas!

Para adquirir esta convicção foi preciso ir aos Açores e auscultar o coração generoso dos portugueses de lei que, embora muitas vezes ignorados e até abandonados no seu isolamento do Atlântico, conservam, íntegro, esse patrimonio moral das mais lídimas virtudes da gloriosa Raça portuguesa!

M. Gomes dos Santos



IMPERIO DO ESPIRITO SANTO — Casa onde se guardam as corôas das irmandades do Esp. Santo, culto em memória do vulcão da Praia do Norte, em 1678.
(«Vid. A Historia das 4 Ilhas» de António Lourenço da Silveira Macêdo).

NOVIDADES LITERÁRIAS

A Quebra — Romance, por Compos Lima	1 vol.	10\$00
O Mundo das Imagens — Crônicas de Rebelo de Bettencourt.		7\$50
A Nova Guerra e a Artilharia — Grande êxito tecnico-literario		7\$50
Remessas franco-porte a todos os nossos assinantes com o desconto de 10 %.		

O TEATRO

Araujo Pereira

Alguns amigos e discípulos deste já glorioso encenador, vão dedicar-lhe uma festa, que realizarão no Teatro Ginnásio, no dia 25 do corrente, festa que esperamos marque o início duma grande e oportuna campanha de ressurgimento do Teatro português.

Araujo Pereira é, de facto, uma das figuras de mais competência técnica e autoridade moral, para que em sua volta se engrosse o clamor dos que ainda confiam esperançosos na reabilitação do teatro. Toda a sua vida tem sido, realmente, imolada a esse objectivo; e não se tem os seus sacrifícios limitado a dispendios materiais e privações de comodidades, elles tem ido ao ponto de lhe atingir a própria saúde.

A «Alma Nova» enfileira, por isso, com entusiasmo, ao lado dos que, confiados no seu saber e na sua nobre dedicação pelo teatro, esperam ver este ressurgir ainda das trevas de desinteresse em que vai definhando.

Teatro e Cinema

Eduardo Scarlatti, velho colaborador da «Alma Nova», autor dum curioso volume de impressões críticas a que modestamente pôs o título de *Ideias de Outros*, acaba de mostrar que também tem ideias, e das mais dignas de serem meditadas, com a recente publicação, no *Diário de Notícias*, de um artigo com o título que encima esta nota. No momento em que se procura lançar aos quatro ventos da publicidade o grito de «Salvemos o Teatro», artigos como os do tenente Scarlatti, são mais do que oportunos, são indispensáveis.

Os nossos parabens.

Critica Teatral

Antonio Ferro, velho amigo e um dos autênticos valores da actual geração, não só como escritor e poeta mas como jornalista e dramaturgo, teve recentemente a sua consagração de *Critico Teatral* num «Almoço de Homenagem».

Não tendo podido fazê-lo, no momento oportuno, daqui apoiamos, todavia, algumas das afirmações do seu belo discurso, em que não se limitou a agradecer todas as manifestações de que foi alvo, mas a precisar deveres do crítico teatral, que bem necessário seria que todos aca-tassem como verdadeira doutrina.

Figuras da Scena



ROBLES MONTEIRO,

actor e empresario dos mais cultos e equilibrados na vida da ribalta e que á frente do «Trindade», com a brilhante Amélia Rey Colaço, sua esposa, e Nascimento Fernandes, completa a trindade mais querida das nossas plateias.

Cartaz do Mês

AVENIDA — Compañia Satanela - Amaranthe: Agua-Pê.

TRINDADE — C.^a Robles Monteiro - Amélia Rey Colaço.

GIMNÁSIO — Palmira Bastos - Alexandre de Azevedo.

EDEN — Revista «Cabaz de Morangos».

MARIA VICTORIA — Revista «Jorge, o Cadete».

VARIÉDADES — Revista «Fado Liró».

SALÃO FOZ — Revista e Cinema.

S. LUIS, TIVOLI e ODEON, são inegavelmente os melhores salões cinematográficos, não só de Lisboa, mas do país. Eles rivalisam bem com qualquer casa do género estrangeira. Nota-se aí um conforto, uma elegancia e por vezes uma distincção, que bem se vê que há o proposito de impô-los á simpatia do publico.

Os outros salões: **POLITEAMA, CONDES, OLIMPIA, CENTRAL e TERRASSE**, igualmente primam pelo respeito ás comodidades do espectador e selecção dos films.



ACTUALIDADES



Figuras e Factos



O talentoso escritor português Júlio de Azevedo, que começa desde hoje a dar-nos a sua valiosa colaboração.



Júlio Quintana, talentoso escritor e jornalista, que é Director do "Jornal da Europa" está desenvolvendo uma útil e interessante propaganda do nosso Império Colonial, que percorreu.



DR. AYALA MONTEIRO
Culto Advogado e Director do "Jornal da Europa".



DR. ARMANDO CORTEZÃO
Estejado Director da Agência Geral das Colónias.

D E S E J A

TRABALHOS
TIPOGRÁFICOS
ARTÍSTICOS

E

B A R A T O S

?

Faça-se sócio da Cooperativa Editora
O RESSURGIMENTO O
T. d'André Valente, 7 — 1.º E. — LISBOA
Sócios de consumo: 1 Acção annual de 20 Esc.
Sócios de interesse: Titulos de 25 Acções.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

**Direito
Português**

E

BRASILEIRO

Manuel Gomes dos Santos

(ADVOGADO)

(COM PROCURADORIA NO BRASIL)

Rua da Victória, 53 — 3.º

Telefone — C. 3156

L I S B O A

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

**Fragoso
Fernandes**

Advogado



RUA DO CRUCIFIXO, 75-1.º



TELEFONE C. 310



L I S B O A

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX